

JUVENTUDES FEMININAS NEGRAS E REDES SOCIAIS: PADRÕES DE BELEZA, E PRESSÕES DE GÊNERO NA PERSPECTIVA RACIAL.

Kailane Ximendes de Lima¹, Anne Graça de Sousa Andrade²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, o impacto das redes sociais nos padrões de beleza e na autoestima das juventudes femininas negras, com foco nos marcadores raciais que envolvem a valorização do cabelo crespo em contrapartida a supremacia da estética branca. A pesquisa foi realizada a partir de artigos acadêmicos retirados de fontes como Scielo e Google Scholar, que discutem a marginalização da beleza negra nas plataformas digitais e como isso afeta a identidade racial dessas mulheres. Os resultados indicam que, apesar das redes sociais oferecerem um espaço de resistência e afirmação da população negra, as pressões para se adequar ao padrão de beleza branco afetam negativamente a autoestima das mulheres negras, levando muitas a buscar alisamentos e outros procedimentos estéticos. Este trabalho propõe que as redes sociais, ao promoverem a diversidade racial e a aceitação do cabelo natural, possam se tornar um espaço de empoderamento e valorização da identidade negra.

Palavras-chave: Padrões de beleza; Juventude negra; Racialização; Autoestima.

1 INTRODUÇÃO

A construção dos padrões de beleza na sociedade ocidental historicamente favoreceu características associadas à branquitude, marginalizando a estética negra. Nas redes sociais, essa dinâmica é frequentemente reforçada, com a predominância de influenciadoras brancas e a valorização de padrões estéticos eurocêntricos. Para as mulheres negras, isso representa uma pressão constante para se adequar a esses padrões, muitas vezes resultando na busca por procedimentos estéticos, onde acontece, muitas vezes, o procedimento de alisar o cabelo crespo, símbolo de sua identidade racial. A teoria de bell hooks ³(1992) nos ajuda a compreender esse cenário, afirmando que "A beleza feminina não pode ser separada da construção social e política da identidade racial" (hooks, 1992). Essa perspectiva destaca como a imposição de padrões de beleza eurocêntricos contribui para a marginalização da mulher negra e de suas características físicas.

¹ Aluna da Faculdade Luciano Feijão, ximendeskailane@gmail.com

² Professora da Faculdade Luciano Feijão, anne.andrade@flucianofejiao.com.br

³ O nome é grafado em minúsculas (bell hooks) é a forma como a autora solicita ser citada para dar ênfase ao conteúdo de seus escritos, em detrimento da sua figura pessoal.

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Nesse sentido esse trabalho possui como objetivo realizar uma revisão bibliográfica narrativa sobre a influência das redes sociais nos padrões de beleza racializados, com foco no impacto da marginalização do cabelo crespo nas jovens negras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A construção dos padrões de beleza racializados, onde a estética branca é normatizada e a beleza negra é marginalizada, tem sido discutida por diversos autores. Guimarães (2020) analisa como coletivos negros nas universidades têm desempenhado um papel crucial na resistência a esses padrões, promovendo a valorização da identidade negra e combatendo a imposição de estéticas eurocêntricas. Além disso, estudos como o de Pérez et al. (2023) investigam como o racismo atravessa o corpo de crianças e jovens quilombolas, evidenciando a internalização de padrões de beleza brancos e as estratégias de resistência adotadas por esses sujeitos. A teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (2003) também contribui para a compreensão do impacto das redes sociais na formação de identidade. Butler argumenta que os indivíduos são socializados para performar sua identidade de acordo com normas culturais e sociais. Para as mulheres negras, isso se traduz na necessidade de adaptar sua aparência às normas racistas e eurocêntricas que dominam as redes sociais.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota a revisão bibliográfica narrativa, com foco em artigos acadêmicos indexados nas bases de dados Scielo e Google Scholar. A busca foi realizada utilizando palavras-chave como "padrões de beleza", "cabelo crespo", "juventude negra" e "pressões raciais". Os artigos incluídos nessa revisão foram publicados entre 2012 e 2022, e foram escolhidos por discutirem a relação entre redes sociais e a percepção do cabelo crespo de mulheres negras. Como critérios de exclusão, foram descartados os artigos publicados antes de 2012, visto que a dinâmica das redes sociais e seus impactos na formação da identidade das jovens mudou significativamente com a popularização das plataformas, como o Instagram e o TikTok, nos últimos anos. Além disso, foram excluídos artigos que não abordavam a questão racial ou que não focavam na relação do cabelo crespo com os padrões estéticos impostos pela

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

sociedade, pois o foco da pesquisa era a construção da identidade racial e a autoestima relacionada ao cabelo natural das mulheres negras nas redes sociais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram localizados X artigos, no entanto só foram incluídos nessa revisão X. A partir da análise dos estudos existentes, foi possível observar que as mulheres negras nas redes sociais enfrentam pressões constantes para se ajustarem a um ideal de beleza que não reflete suas características naturais, visto que estão expostas a conteúdos de padronização da beleza feminina branca, desde crianças, algo que acaba ficando enraizado na forma como se enxergam e no modo como vão se sentir amada ou valorizadas.

O cabelo crespo, frequentemente associado à ideia de "falta de cuidado", se coloca como um desafio a ser superado, seja através do uso de alisantes ou outros procedimentos. De acordo com os estudos é destacado como o racismo estrutural impõe padrões de beleza que marginalizam as características dos corpos negros (Pérez et al. 2023).

No entanto, também foi identificado, a partir dos estudos revisados, que as redes sociais têm se tornado um espaço de resistência para muitas mulheres negras. Influenciadoras negras têm utilizado plataformas como Instagram e YouTube para promover a aceitação do cabelo natural e a valorização de corpos diversos, combatendo os padrões de beleza eurocêntricos e celebrando a autenticidade. Isso reflete um movimento crescente de afirmação racial, como observa Guimarães (2020): "Coletivos negros passaram a ter papel decisivo na recepção de estudantes cotistas e no controle das ações afirmativas nas universidades" (Guimarães, 2020).

Dessa forma, percebe-se que o cabelo crespo ultrapassa a dimensão estética e se inscreve como um campo de disputa simbólica e política, no qual se confrontam heranças do racismo estrutural. A valorização do cabelo natural, impulsionada pelas redes sociais e pelo protagonismo de mulheres negras, revela não apenas uma reconfiguração dos padrões de beleza, mas também uma afirmação identitária que desafia práticas discriminatórias historicamente naturalizadas. No entanto, nas redes sociais ainda há uma prevalência da estética branca como padrão de beleza majoritário o que deve ser.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Este estudo confirma que as redes sociais desempenham um papel central na construção e na disseminação dos padrões de beleza, particularmente no que diz respeito às mulheres negras. Embora as redes sociais possam servir como espaços de resistência e autoafirmação, as pressões para se ajustar aos padrões eurocêntricos continuam a afetar a autoestima dessas mulheres. A luta pela aceitação do cabelo crespo e das características raciais é uma questão urgente que precisa ser abordada com mais seriedade nas plataformas digitais. Para promover uma mudança significativa, é essencial que as redes sociais, influenciadoras e criadores de conteúdo se comprometam a ampliar a representatividade racial, permitindo que as mulheres negras se sintam vistas, ouvidas e empoderadas.

Recomenda-se um maior desenvolvimento de pesquisas voltadas para as juventudes femininas negras, buscando compreender de que forma elas utilizam as redes sociais não apenas como um espaço marcado pela padronização estética, mas também como um território de resistência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUIMARÃES, A. Coletivos negros e novas identidades raciais. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 28, n. 2, p. 45–60, 2020.

LIMA, G. S. O que há entre o real e o digital nas redes sociais? Análise das contribuições do Instagram na construção das performances identitárias das adolescentes escolares autodeclaradas pretas. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 29, n. 1, p. 1–15, 2024.

PÉREZ, B. C.; MARÇAL, M. B.; SANTOS, M. C. M. Da pele ao cabelo: o racismo na formação identitária do corpo negro. *Estudos de Psicologia*, v. 28, n. 1, p. 94–104, 2023.

SILVA, G. M. Feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 27, n. 3, p. 1–19, 2019.